

Ideias geniais

Brasil afora, inventores desenvolvem e aperfeiçoam produtos de grande utilidade e retorno financeiro quando bem encaminhados ao mercado

por Cléia Schmitz

cleia@empreendedor.com.br

Quanto vale uma ideia? No caso do OrthoMouse, inventado pelo médico cirurgião Julio Abel Segalle, 68 anos, vale a solução para um problema que já atinge mais de 1 milhão de pessoas só no Brasil: as lesões provocadas pelo uso contínuo de uma ferramenta “mal desenhada” para a mão humana, o mouse. Diferente dos mouses tradicionais, o invento do doutor Segalle obriga e permite ao usuário a permanecer com a mão na posição correta, prevenindo doenças como tendinites. No final de outubro de 2010, o médico – que é argentino mas vive no Brasil desde 1994 – recebeu o prêmio nacional Inventor Inovador na categoria Regional Sudeste, conferido pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) no valor de R\$ 120 mil e, em fins de novembro, o prêmio Finep Inventor Inovador Nacional no valor de mais R\$ 120 mil. Segalle também já recebeu o prêmio “Best Inventor” outorgado pela Wipo (World Intellectual Property Organization).

Poucos inventores fazem tanto jus ao ditado “a necessidade é a mãe das invenções” quanto Segalle. Médico com dezenas de cirurgias de túnel do carpo no currículo, no final da década de 1990 ele percebeu que o que fazia tinha resultados que ele próprio chama de “catastróficos” para seus pacientes. Além de não curar, complicava ainda mais a lesão. “Decidi que nunca mais faria esse tipo de cirurgia, e como a medicina me ensinou que antes da cura vem a prevenção, resolvi pesquisar para ver o que era possível fazer para evitar a doença.” Foram seis meses de buscas por mouses adequados até a conclusão de que eles não existiam.

Segalle poderia ter parado por aí, mas decidiu seguir em frente com uma crença que hoje é o lema da Orthovia, empresa criada há dois anos e meio para montar e comercializar o OrthoMouse: todo produto, serviço ou ideia merece, pode e deve ser melhorado. O médico não teve um estalo como Arquimedes, que saiu





Médico cirurgião Julio
Abel Segalle, inventor
do OrthoMouse



Proteja seu invento

O que é patente?

É um monopólio de exclusividade, concedido pelo Estado, para o titular de uma criação suscetível de aplicabilidade industrial. Esse privilégio é reconhecido por meio de um documento chamado carta-patente.

Como requerer uma patente?

1. O primeiro passo é consultar bancos de patentes para ter certeza de que seu invento é realmente uma novidade, ou seja, se não está patenteado. Isso pode ser feito no site do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi) – www.inpi.gov.br – ou em portais como o www.patentesonline.com.br (nos dois bancos apenas patentes brasileiras). O próprio Google também tem um mecanismo de busca por patentes, o www.google.com/patents, com mais de 7 milhões de registros do mundo inteiro.
2. Após a consulta, o inventor deve procurar o Inpi e escrever o pedido de patente, composto por requerimento, relatório descritivo, reivindicações, desenhos (quando necessários), resumo e comprovante de pagamento da retribuição relativa ao depósito da patente.

Tipos de patentes

Patente de Invenção (PI) – produtos ou processos que atendam aos requisitos de atividade inventiva, novidade e aplicação industrial.

Modelo de Utilidade (MU) – objeto de uso prático, ou parte deste, suscetível de aplicação industrial, que apresente nova forma ou disposição, envolvendo ato inventivo, que resulte em melhoria funcional no seu uso ou em sua fabricação (inovação incremental).

Fontes: Inpi e *Inventei! E agora?* – Como ganhar dinheiro com uma boa ideia, de Carlos Mazzei

nu pelas ruas de Siracusa gritando “eureka” (encontrei) depois que descobriu, em pleno banho, o princípio da hidrostática. Dez anos se passaram até a venda da primeira unidade, hoje comercializada para mais de 40 países com distribuidores em mais de 20 países. Aliás, 95% da produção é exportada. “No Brasil, nosso foco são pessoas físicas”, afirma o inventor.

Para criar seu invento, o médico se baseou num conceito clássico da ortopedia. Esse conceito diz que ao usarmos um instrumento de imobilização da mão, o único posicionamento permitido é a chamada “posição funcional”. “É baseada nessa lei que um médico imobiliza a mão de um paciente com gesso ou faixa. Ela é tão importante que, se ele o fizer fora da posição funcional, pode ser indiciado por erro médico”, ressalta Segalle. Para ele, o mouse é uma ferramenta de alto grau de imobilização e, portanto, seu desenho deveria respeitar esta lei da ortopedia. Foi a partir dela que o médico desenvolveu o OrthoMouse.

“Minha proposta era fazer um mouse que não só permitisse que a mão estivesse nesse posicionamento, mas que a obrigasse a se posicionar desta forma”, relata Segalle. Determinado, ele abandonou tudo – cirurgias e consultas – e transformou a cozinha do apartamento onde morava com a esposa e os dois filhos no laboratório do OrthoMouse. “Eu não conseguia pensar em outra coisa”, justifica. O primeiro protótipo foi feito com areia e cimento, mas três meses depois ele já tinha a forma que respeitava o conceito da ortopedia. O próximo passo era transformar “aquele pedaço de pedra” em um mouse eficiente.

Não foi fácil. No caminho, Segalle encontrou engenheiros e designers que sempre sugeriam mudanças para deixar o invento “mais bonitinho”. O problema é que as alterações comprometiam a proposta do médico. “Você prefere o mais bonitinho ou o que não faz mal para sua mão?”, argumentava Segalle. Finalmente, o invento

se transformou num mouse funcional e o médico começou a testá-lo com pacientes. O retorno foi surpreendente. Além de trazer conforto aos usuários, o OrthoMouse ajudava a reabilitar pessoas que já tinham a lesão. “Eu fiquei arrepiado com esse resultado. Me senti um Louis Pasteur”, brinca.

Em 1998, Segalle depositou seu primeiro pedido de patente, que foi primeiramente concedida nos Estados Unidos, três anos e meio depois. “É a única patente do mundo de mouse ergonômico caracterizada por proteger a mão”, orgulha-se. Ele conta que, em 2002, foi convidado por uma gigante da informática a ir à sede da empresa apresentar seu invento. Ao final da reunião, foi informado de que a patente poderia ser engavetada caso a empresa decidisse comprá-la. Segalle argumentou sobre os benefícios do invento e conta que recebeu a seguinte resposta: “Nós somos vendedores de mouse muito bem-sucedidos e o que nos interessa é vender”. Ele saiu frustrado, mas ainda mais decidido a tocar seu projeto adiante por conta própria.

A Orthovia começou a produzir em séries de 75 unidades. Hoje, os lotes são de 5 mil, mas a meta já para o primeiro semestre de 2011 é duplicar as vendas com o lançamento de um modelo a laser sem fio. Na sequência, Segalle pretende lançar um modelo para a mão esquerda e outro infanto-juvenil, estratégias que devem quintuplicar as vendas. Em breve, ele ainda pretende tirar da gaveta o projeto de um teclado ortopédico. “No momento estamos requerendo a patente, por isso ainda é sigiloso, mas será um produto de massa que vai multiplicar por dez nossas vendas”, calcula o médico.

Diferente dos mouses disponíveis no mercado, o OrthoMouse permite seis combinações diferentes para se adaptar ao tamanho da mão do usuário e ao tipo de função que ele desempenha. Tudo isso em um só produto. Segundo Segalle, essas possibilidades são fundamentais para garantir a saúde do usuário. Ele compara a um par de sapatos, em que escolhemos o número do nosso pé ao comprá-lo. O OrthoMouse é vendido no Brasil a R\$ 199 e pode ser adquirido pelo site da empresa. Para quem acha o valor alto, Segalle responde: o anti-inflamatório custa mais caro.

Paternidade reconhecida

Inventos devem ter patente depositada no Brasil e exterior para proteger a propriedade intelectual

O Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (Inpi) registrou em 2010 a marca de 30 mil depósitos de patentes. Esse número tem crescido a taxas médias de 5% – em 2009 foram 27,5 mil – mas ainda é muito pequeno em relação a outros países emergentes como China e Índia. A lista é liderada pelos Estados Unidos (456 mil depósitos), seguidos por Japão (391 mil), China (290 mil), Coreia do Sul (171 mil), Escritório Europeu de Patentes (146 mil), Alemanha (62 mil), Canadá (42 mil), Rússia (41 mil) e Índia (37 mil). As informações são da Organização Mundial de Propriedade Intelectu-

al (Ompi) e se referem ao ano de 2008.

Para Júlio César Moreira, assessor da Diretoria de Patentes do Inpi, a cultura de proteger inventos por meio de patentes ainda é pouco disseminada no País. “O brasileiro é muito criativo e inventa coisas muito legais, mas em vez de procurar o Inpi e depositar sua patente, ele prioriza a divulgação do invento. O problema é que ao torná-lo público, permite que outras pessoas, inclusive estrangeiros que estejam de passagem pelo Brasil, possam patenteá-lo”, destaca Moreira. “O direito de patente nada mais é que o direito de exclusão, ou seja, impedir que



Júlio Moreira, do Inpi:
cultura de proteger
inventos ainda é pouco
disseminada no País



Mazzei, da ANI: demora na homologação das patentes pelo Inpi é problema para inventor

Pecados mortais do inventor

- ▶ **Incredulidade:** falta de fé no potencial de sua ideia
- ▶ **Imprudência:** não toma as medidas necessárias para proteger e assegurar seus direitos
- ▶ **Precipitação:** tem tanta pressa em assegurar seus direitos que submete um projeto malfeito
- ▶ **Descontrole verbal:** abre-se imprudentemente com qualquer pessoa
- ▶ **Falta de organização:** fazer tudo na base da improvisação, sem planejamento, sem método
- ▶ **“Pecado de Eu-gênio”:** indivíduo que, por falta de humildade, não reconhece suas limitações e se julga um gênio diante do qual todos devem curvar humildemente suas cabeças
- ▶ **Falta de bom senso:** avalia mal sua capacidade de realização e acha que pode fazer tudo por si, sem precisar do apoio de ninguém.

outros se apoderem de algo que você criou”, acrescenta.

Na opinião do presidente da Associação Nacional de Inventores (ANI), Carlos Mazzei, as pessoas ainda têm muitas dúvidas sobre o que pode e deve ser patenteado. Ao mesmo tempo em que alguns inventores desconhecem a necessidade de fazer uma busca de anterioridade nos bancos de patentes, outros acreditam que para patentear é preciso ter uma inovação radical. E há ainda aqueles que sequer sabem o que é uma patente. Para disseminar essas questões, Mazzei escreveu o livro *Invente! E agora? – Como ganhar dinheiro com uma boa ideia*, disponível para leitura no site www.ani.org.br

Outro problema comum é o fato de muitos inventores só fazerem o pedido para a patente em território nacional. Essa prática deixa o invento desprotegido em outros países, já que a patente é territorial, e limita o acesso do invento a novos mercados. O Brasil é signatário do Tratado de Cooperação em Matéria de Patentes (PCT), que tem como objetivo simplificar o processo de proteção patentária em vários países, tornando-o mais eficaz e econômico. Outro agravante é a baixa qualidade das patentes requeridas ao Inpi, muitas vezes mal escritas, dificultando o processo de análise.

“Fazer patente é igual a desmontar o motor de um carro”, compara Mazzei. Há 24 anos atuando nessa área, ele auxi-

lia inventores do Brasil inteiro a elaborar o requerimento de uma patente. “Se ela for fraca, os empresários não valorizam”, argumenta o especialista, que também apoia o processo de comercialização de patentes. Por mês, ele recebe em média 250 inventores na sede da ANI, em São Paulo. “Alguns saem chorando quando pesquiso no banco de patentes e vejo que o invento já foi patenteado. Mais do que o dinheiro perdido, o que frustra é o fim de um sonho”, diz Mazzei.

Não é só o inventor que deixa a desejar em seus procedimentos. Os prazos do Inpi ainda estão longe de ser referência. Segundo Moreira, o intervalo entre a data de depósito da patente e a data de concessão tem sido de nove anos. Com investimentos em informatização e contratação de novos profissionais para analisar as patentes, a meta do órgão é analisar até 2014 todos os pedidos depositados em 2010. As patentes concedidas pelo Inpi cresceram de 1.855 em 2007 para 3.153 em 2009 – variação de 70%. A estimativa para 2010 era de que esse número ficasse entre 3,5 mil e 4 mil.

LINHA DIRETA

Carlos Mazzei: (11) 3873-3211
Inpi: (21) 2139-3000
Julio Abel Segalle: (11) 4777-1615